



---

## Experiências Autogestionárias: A Lição da Prática

---

Lucien Rivière\*

---

*Pessoas que se enquadram cegamente em coletividades transformam-se em algo análogo à matéria bruta e omitem-se como seres autodeterminantes. Isso combina com a disposição de tratar os demais como massa amorfa.*

Theodor Adorno

A história das ideias políticas e sociais, após a emergência do modo de produção capitalista, demonstra que a sociedade burguesa sempre foi negada. A negação da sociedade capitalista é evidente nos escritos de *Maistre, De Bonald, Ozanam, Sismonde de Sismondi, Owen, Fourier, Proudhon, Rousseau, Marx, Lassale, Bakunin*, entre muitos outros. Mas toda negação é, ao mesmo tempo, uma afirmação. A negação do capitalismo é, simultaneamente, a afirmação de outra coisa que não seja o capitalismo.

Entretanto, nem toda negação do capitalismo é afirmação do comunismo. Isto ocorre porque a negação pode ser superficial e assim tocar em aspectos da sociedade capitalista e não no que é essencial ou na totalidade. Esta é a negação reformista do capitalismo, ou melhor, é uma falsa negação. O mais correto seria qualificá-la de *reafirmação* do capitalismo. Deixando de lado as falsas negações, pode-se colocar que existe uma negação que é afirmação do comunismo e outra que *não é*.

As definições da URSS como não-capitalista e não-comunista possuem o mérito de nos colocar novos conceitos que nos revelam a possibilidade de implantação de um novo modo de produção não-capitalista e, ao mesmo tempo, não-comunista. Embora tais análises não consigam dar conta da realidade soviética, elas nos mostram que além do capitalismo é possível um não-comunismo.

---

\* Lucien Rivière é autor de *Autogestão: Teoria e Prática*.



No entanto, o nosso objetivo aqui é tratar da negação comunista do capitalismo. Criticar o capital, o mercado, o estado capitalista, o parlamento, a miséria, etc. só tem valor apresentando-se um projeto alternativo. A alternativa comunista é a *Autogestão*. Proudhon, Marx, Bakunin, entre outros, colocaram esta alternativa. Outros, inclusive “proudhonianos” e “marxistas”, se opuseram a ideia de autogestão afirmando que a instauração de uma sociedade autogerida é impossível. É sobre esta discussão que vamos discorrer aqui.

Uns dizem que a autogestão é impossível, outros dizem que ela é possível. Possível ou impossível, eis a questão! Para responder a esta questão é necessário, anteriormente, responder uma outra, a saber: qual é o critério para se definir se a concretização de um projeto político é possível ou não? Da perspectiva marxista, este critério de confirmação de veracidade é a prática<sup>1</sup>. É na segunda tese sobre Feuerbach que Karl Marx explicita isso:

A questão de saber se é preciso conceder ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão de teoria, porém uma questão *prática*. É na prática que o homem deve comprovar a verdade, isto é, a realidade efetiva e a força, o caráter terrestre de seu pensamento. A disputa referente à realidade ou à não-realidade efetiva do pensamento – que está isolada da prática – é uma questão puramente *escolástica*.

Não iremos aqui, obviamente, deformar as ideias de Marx, pois aí ele trata das ideias sobre uma realidade já existente e não de uma realidade ainda não realizada. Entretanto, consideramos que essa tese possui um valor teórico para a discussão sobre a questão da verdade. Mas como aplicar esta tese a um projeto político? A resposta é: observando, no caso específico da autogestão e de outros modos de produção pós-capitalistas, se existe no interior da sociedade capitalista uma *potencialidade* de desenvolvimento deste projeto político e observando as *experiências históricas* que

---

<sup>1</sup>É necessário entender que prática, na concepção de Marx, tem um significado amplo, no qual ele opõe processos reais, “materiais”, efetivados, a processos mentais, da consciência, como a verdade, no contexto da oposição entre materialismo e idealismo. Não se trata, portanto, de nenhum praticismo ou de prática no sentido de mera ação sem reflexão ou separada da consciência ou da teoria.



esboçaram a sua concretização. Deve-se observar que são nas experiências históricas que se vê a potencialidade deste *projeto*. O que nos interessa aqui é demonstrar que as experiências históricas comprovam a possibilidade da autogestão, pois elas foram o seu “ensaio prático” que, segundo Korsch e Marx, comprovam o seu “caráter terrestre” e, ao mesmo tempo, o caráter metafísico do discurso que afirma ser a autogestão irrealizável e a discussão escolástica que ele produz.

Aconteceram inúmeras experiências autogestionárias e, de nossa perspectiva, algumas se destacam: A Comuna de Paris, a Revolução Soviética, A Revolução Alemã e a Revolução Espanhola. (...). O que nos interessa colocar de imediato é que, durante a Comuna de Paris, a primeira fase da revolução soviética, as lutas de classes na revolução alemã e a experiência espanhola, os trabalhadores colocaram em prática a ideia de autogestão. *A lição da prática demonstra que a autogestão é possível*, mas encontra sérios obstáculos que surgem no próprio processo revolucionário. Portanto, a lição da prática não só nos coloca diante dos caminhos necessários para se realizar a revolução autogestionária como também nos revela a ameaça da contrarrevolução e das forças que encarnam essa ameaça. Daí a importância e a necessidade de analisarmos as experiências autogestionárias.

A partir disto abandonamos a “discussão escolástica” sobre a possibilidade ou não da autogestão e ao nos debruçar sobre a prática autogestionária poderemos aprender muitas lições que enriquecerão nossas teorias e assim criaremos uma verdadeira unidade entre discurso e prática, teoria e realidade. Portanto, devemos passar da teoria da autogestão para a prática autogestionária e, posteriormente, partir da prática autogestionária para a teoria da autogestão.